

MIA COUTO E JOÃO PAULO BORGES COELHO:  
OLHARES DESPERTOS SOBRE UMA «REPÚBLICA DE SONHOS»

Carmen Lucia Tindó Secco\*

[...] *Os povos, cujas lendas são esquecidas, não guardam sua independência. [...] Deve ser por isto que o primeiro ato das ditaduras é proibir a imaginação.*

Pinõn, 1987: p. 85

Essa reflexão também pode ser associada a determinados períodos históricos de Moçambique, cujos mitos, lendas, religiosidades, em grande parte, foram silenciados tanto pela ditadura salazarista no período colonial, como pelo regime socialista que assumiu o poder da nação moçambicana, após sua independência, em 1975.

Embora não seja propósito nosso focalizar, nesta apresentação, aspectos da república brasileira, nem analisar a obra de Nélida Piñon, iniciamos com uma epígrafe dessa escritora, retirada de seu romance *A República dos Sonhos*, pois foi neste que buscamos inspiração para nosso título.

Nélida, na mencionada obra, traça, na linha da reescrita da história pela ficção, uma avaliação crítica da república brasileira, demonstrando como esta foi sonhada em 1889, enfatizada nos anos 1930 pelo nacionalismo getulista, mas como acabou fadada ao fracasso, com o advento do Estado Novo de Vargas, com a ditadura militar de 1964, com a constante atitude de desprezo dos dirigentes governamentais em relação ao povo, aos pobres, aos negros, às mulheres. Hoje, poderíamos completar esse quadro, apontando o neoliberalismo econômico dos anos 1990 e início dos 2000 como outro agente esvaziador de nossa república, na medida em que, incentivando as privatizações, enfraqueceu o Estado, propiciando o desaparecimento quase completo da «*res pública*».

Em Moçambique, os processos históricos foram bastante diferentes dos ocorridos no Brasil, porém, nas duas últimas décadas (1990 a 2010), a economia de mercado também passou a dominar diversos países da África, causando danos, até certo ponto, semelhantes aos existentes não só na sociedade brasileira, como em outras do mundo, regidas pela economia neoliberal.

\* Professora Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na UFRJ e Pesquisadora do CNPq.

A contemporânea literatura moçambicana vem denunciando como esse sistema econômico oferece privilégios às elites e trata com descaso o povo. Principalmente a partir dos anos 1990, a ficção moçambicana apresenta como uma de suas tendências a reescrita da história, repensando criticamente o conceito de nação de modo a ultrapassar as antigas concepções românticas veiculadas pelo nacionalismo libertário. São vários os escritores trabalhando nesse sentido, entre os quais destacamos os nomes de Ungulani Ba Ka Khosa, Paulina Chiziane, Mia Couto, João Paulo Borges Coelho e muitos outros.

Na presente comunicação, procuraremos observar como a nação moçambicana é representada e pensada criticamente pela ficção; para tal, recorreremos a textos de opinião de Mia Couto e analisaremos o romance *As Duas Sombras do Rio*, de João Paulo Borges Coelho, autor moçambicano que vem se destacando nos últimos anos, tendo vencido o Prêmio Leya – 2009 com o romance *O Olho de Hertsog*.

Iniciamos nossa reflexão com trechos de uma entrevista de Mia Couto, na qual o escritor faz um balanço crítico do processo de formação da nação moçambicana:

MC – [...] depois da Independência houve vários percursos de natureza política muito diversa [...] Nós nascemos numa revolução que pretendia erguer uma sociedade radicalmente nova [...] E era uma sociedade socialista [...] isso era muito curioso, era como se o futuro de Moçambique fosse forjado, principalmente, por uma via política e não tanto por via cultural, [...]

[...] Todos heróis foram sempre políticos de uma certa maneira até militares. Eram apenas heróis os guerrilheiros que lutaram pela libertação nacional, isso agora está sendo aberto, hoje já há outros heróis, já há poetas que são heróis [...].

Mas, houve esse primeiro momento de construção do socialismo, de repente tudo ficou posto em causa, nós tivemos uma guerra que nos fez..., digamos assim, voltar à estaca zero, de repente estávamos [...] pior que estar no zero, é que nós não sabíamos onde estávamos, de repente ficamos perdidos e quando nos reencontramos, de repente estávamos em outro caminho, em outra senda, que era a senda do capitalismo [...] (Couto, 2009, <https://docs.google.com/Doc?docid=0AbOa-MJaKtaZGhtanhraG5fMWM0dnEyM2Nt&chl=en> Acesso em 25 de agosto de 2010)

Quando lhe perguntam se Moçambique conseguiu forjar uma identidade nacional, Mia Couto responde:

MC – Sim e não. [...] Este caminho, claro, não começou em 25 de junho de 1975, já começou antes, [...] o material do passado foi forjado e é importante, agora, para construir um futuro. [...] A ideia de que havia nações plurais, de que havia uma diversidade cultural é importante e é preciso retomar, de alguma maneira, mas, por outro lado, é preciso fazer esquecer, por exemplo, os heróis que são sempre uma espécie de mitos fundadores da nação; esses heróis, no nosso caso, são heróis muito regionalizados, são heróis que nunca personificaram essa ideia de construtores de uma nação, estava longe deles essa ideia de fazer Moçambique... Então, é preciso esquecer isso e [...] retrabalhar o passado de modo que esse seja o primeiro chão a partir do qual nós criamos um sentimento de sermos nação. Está

aqui uma obra muito complicada que é, assim, uma obra de apagamento e uma obra de ressurgimento daquilo que são reescritas desse passado, dos mitos que nos interessam manter. (Couto, 2009, <https://docs.google.com/Doc?docid=0AbOa-MJaKtaZGhtanhraG5fMWM0dnEyM2Nt&chl=en> Acesso em 25 de agosto de 2010)

João Paulo Borges Coelho é um dos escritores moçambicanos que operam com essa dicção de reescrever, por intermédio da ficção, a história de Moçambique, revisitando criticamente determinados mitos que considera importante rever; muitas de suas obras se passam no período pós-1975, porém, diversas vezes, a enunciação romanescas se vale de um hibridismo temporal que superpõe tempos históricos diferentes. A narrativa de *As Duas Sombras do Rio* acumula vários tempos: o mítico-religioso e o histórico, sendo este plural, na medida em que o narrador repensa momentos históricos do passado colonial, embora o cenário central seja a região do Zumbo, focalizada, principalmente, num tempo histórico pós-independência, marcado não só por dolorosa guerra civil, mas também por euforias e decepções com a FRELIMO, descontentamentos com uma majoritária administração das elites urbanas do Sul do país, em detrimento das populações rurais do Norte.

*As Duas Sombras do Rio*, de João Paulo, evidencia um corpo moçambicano cindido entre velhas tradições e as novas racionalidades, entre o Sul e o Norte. Procura, assim, romper com as dicotomias binárias, negociando identidades em meio a fronteiras tênues e esgarçadas. Sua ficção se utiliza de algumas alegorias e metáforas para refletir acerca da relação espaço-temporal, do imaginário cultural e do universo mítico-religioso que permeiam a sociedade moçambicana, a saber: a água (rio e chuva); a casa (terra e nação); o fogo (sexualidade e guerra); a sombra (o inconsciente e o espírito).

No romance em questão, a água, significando o rio Zambeze, é a linha que demarca os territórios do Norte e do Sul de Moçambique, o passado e o presente, as tradições e a modernidade. Leónidas Ntsato, personagem principal da estória, sintomaticamente, é quem fica entre o rio Zambeze e a tríade Zâmbia, Zimbabwe e Moçambique, espaços onde terra e água são representadas pela barragem de Cahora Bassa.

Leónidas vivia cruzando o rio, em sua almadia, a pescar. O romance começa, justamente, quando ele é encontrado, desacordado, de face na areia, na ilha de Cacessemo, no meio do Zambeze. Nesse espaço intermediário, de olhos postos na terra, mergulha em perturbações, estranhezas, perplexidades, que alegorizam as tensões provocadas pela carência ao redor. Pescadores sem peixes, águas represadas, populações com fome, a miséria causada pela guerra. Histórias de divisões entre a memória e o presente, entre deuses e homens, entre os próprios homens.

O majestoso Zambeze, suas águas cavaram um fosso, separando o mundo da cobra, feminino, milenar, cheio de sabedorias e matrizes primordiais, e o mundo

do leão, do fogo, do poder, da modernidade do Sul. Esses dois mundos, frente às contradições e guerras, no presente, não se encontram, nem se complementam; ao contrário, se opõem, evidenciando fraturas profundas no corpo social moçambicano: «O rio é a fronteira entre os dois poderes que lutam dentro dele, do personagem principal. É ali que começa um e acaba o outro, ali acaba o norte e começa o sul». (COELHO, 2003: p. 38)

A construção da represa de Cahora Bassa e o cotidiano da guerra colocam as personagens – e não só Leónidas Ntsato – em uma situação de conflito, tensão e deslocamento. As metáforas da água e do fogo passam, então, a denotar desequilíbrio e instauram uma desarmonia na região, dividindo «as duas sombras do rio». Sombras que se tornam uma polissêmica metáfora, simbolizando não só as margens do rio, mas o inconsciente histórico e mítico, remetendo, também, ao mundo dos espíritos que fazem parte das crenças locais, baseadas nos cultos aos antepassados e aos ancestrais.

Além das metáforas da água, do fogo e das sombras, a da casa, tendo o significado de nação, com suas tradições e racionalidades, está, também, presente neste romance. Em muitas de suas partes, o choque ideológico e religioso entre tradicionalistas e materialistas é evidente. A enunciação romanesca vai apontando, de modo crítico, para essas questões como, por exemplo, quando a personagem Sigaúke, o administrador, se encontra dividido entre mitos e religiosidades das tradições moçambicanas originárias e o materialismo imposto pelo governo da primeira fase da Independência: «Na escola de administradores me ensinaram que era preciso acabar com os obscurantistas, fazendo valer o materialismo e a lei» (COELHO, 2003: p. 47). No entanto, são as duas personagens que lidam com espíritos que se conjugam para ajudar a «aparente loucura» do pescador Leónidas: Harkiriwa, uma refugiada rural, ligada à terra, que vem do Norte, e Gomanhundo, o curandeiro da cidade, cujo espírito é o de um frade dominicano português do início do século XIX. Essa fusão de um curandeiro africano incorporando o espírito de um frade europeu é bem sintomática do hibridismo religioso ali existente, decorrente da mesclagem das religiões africanas ancestrais com as crenças impostas pelos colonizadores.

A cisão constatada não foi apenas causada pelas guerras, pois, desde o colonialismo, o Norte e o Sul de Moçambique já se encontravam cindidos. A guerra civil apenas aumentou essa fissura. A unidade interna, durante a luta anticolonial, já se revelava fraturada, dividida entre as ações da FRELIMO e da RENAMO, o que, internamente, também refletia as dicotomias externas do contexto mundial da Guerra Fria, incentivada por polarizações extremadas entre capitalismo e socialismo. Criticamente, a enunciação romanesca vai problematizando e desfazendo tais binarismos redutores.

A metáfora da «casa-país», do mesmo modo que a almadia do pescador Leónidas, está à deriva, à procura da própria identidade. Natureza e cultura também se degladiam: «Carneiros hidráulicos inauditos, que iam contra a natureza, trazendo a água para cima quando é certo que a natureza só a faz descer...»

(COELHO, 2003: p. 88). Uma rede de micro-histórias e personagens procura preservar memórias e religiosidades, buscando conservar a multifacetada identidade, em meio a esfacelamentos políticos, culturais, sociais.

Contracenam no espaço ficcional, além do protagonista – o pescador Leónidas Ntsato –, personagens típicas, como: o administrador Singaúke; a enfermeira Inês; a refugiada rural Harkiriwa; o curandeiro Gomanhundo; a congoleza Mama Mère, a maior comerciante de Feira, também metida com contrabandos de marfim e diamantes; os padres, fortes como touros, que se acoitavam com jovens mulheres e, com seus cânticos, maravilhavam os filhos da terra. O narrador, em terceira pessoa, vai narrando histórias, mitos, comentando os fatos históricos, com uma focalização interventiva que se manifesta não só por reflexões e explicações, mas por descrições belíssimas e detalhadas, assim como por esclarecimentos e comentários irônicos. A narração se tece por meio de um ponto de vista onisciente que, em algumas ocasiões, por intermédio do discurso indireto livre, perde, em parte, a distância característica do narrar heterodiegético, se acumpliciando aos dramas das personagens que encenam os horrores vivenciados pela gente daquela província moçambicana, durante a guerra civil. Esse narrador entremeia a seu discurso micro-histórias, nas quais estão presentes diálogos de personagens que denunciam situações de violência e os estragos provocados:

E que vejo eu na minha terra? [...] – Vejo machambas de onde mal sai comida, vejo elefantes que mal procriam (nunca se viu tão poucos elefantes nesta terra como agora), mulheres com os seios secos e mirrados de onde não pinga mais o leite, almadias furadas junto à margem do rio, celeiros vazios [...] (COELHO, 2003: p. 149)

Em trechos como esses, paisagens devastadas são descritas e denunciadas; alguns mitos, como o do espírito do grande leão *Kanyemba*, são revisitados. As descrições entremeiam o narrar e são muito expressivas. João Paulo Borges Coelho é exímio não só na arte de narrar, mas também na de descrever.

A narrativa de *As Duas Sombras do Rio* cumpre um papel de resistência à perda das tradições moçambicanas, provocada pelos conflitos bélicos e pela construção da represa de Cahora Bassa que trouxe componentes de modernidade ao Zambeze. Em diversas passagens, o narrador assume uma linguagem metafórica, questionando, por exemplo, a ação da Igreja Católica no processo de colonização, demonstrando, ironicamente, como esta se tornou a Casa de um único Deus e de uma só religião – a dos invasores –, tendo abafado muitos cultos e religiosidades dos povos de Moçambique.

Outra metáfora, a da carne, entendida como sexualidade pervertida e reprimida, encontra-se presente nos muitos corpos sem autonomia, sem liberdade que povoam a narrativa. São corpos mutilados e silenciados, tiranicamente subjugados e torturados. Suas vidas foram destruídas; suas possibilidades de sonho, interrompidas, tanto por invasores externos, como por hordas internas que, masoquistamente, se

compraziam com a violência, exercendo um erotismo macabro. Sobreviver: eis a questão, em meio aos medos e crueldades decorrentes de uma guerra fratricida que gerou inúmeras perplexidades.

Buscando alternativas para vencer o desencanto provocado por tais contextos de brutalidade, o narrador afirma: «não há um só destino, há sempre um destino atrás do outro, todos os dias, sucedendo-se ou correndo como água do rio, e a sucessão de todos os destinos principais e paralelos é a história» (COELHO, 2003: p. 100). O narrador, ao longo do romance, vai contrapondo diferentes versões históricas, o que leva a múltiplos pontos de vista e à certeza de que os destinos se cruzam, transversalmente, se interpenetrando, em descontinuidades e rupturas.

O enfoque histórico que se depreende no romance *As Duas Sombras do Rio* se aproxima do olhar da Nova História, uma vez que opera com mitos, subjetividades, memórias e relatos esgarçados, revisitações do passado a partir de silêncios, lacunas e fragmentos que resistiram aos séculos e permaneceram condensados em bolsões do imaginário histórico-cultural. Muitas dessas sobrevivências se encontram em configurações míticas que atravessaram tempos e aldeias, inspirando profecias. Um exemplo presente no romance em questão é o antigo mito do grande leão, cujo espírito se incorpora em algumas personagens, alertando para sérios problemas existentes no Moçambique pós-independência:

Kanyemba, o grande leão, tinha algumas coisas a dizer através da sacerdotisa Joaquina M'boa – mataram a terra e todas as coisas. Matam-se agora uns aos outros. E quando há este ódio entre vizinhos, quando as aldeias se inimizam desta maneira, quando a família se acaba, é porque se aproxima o vazio e o fim. (COELHO, 2003: p. 151)

Encontram-se ameaçados tanto o fogo sagrado – que configura o universo ígneo do mítico leão –, como a água primordial da memória – que constitui o mundo feminino da cobra ancestral –, metaforizada pelo rio que corta o país, percorrendo-o, dividindo-o, mas também o unindo e o ligando. Avaliando os percalços e entraves do presente, continua o narrador: «O mal era dos tempos e da dificuldade em tomar uma direção. Antigamente, as coisas eram certas e claras, estava tudo arrumado nos seus lugares. Sabíamos de onde vínhamos e isso ajudava-nos a ir percebendo para onde íamos.» (COELHO, 2003: p. 223)

Depreende-se, por conseguinte, que uma história de Moçambique pós-independente se encontra, pulsante, em meio à guerra civil, nas margens e sombras do rio Zambeze que corre para o mar. Uma história que acumula vários tempos, indo das atrocidades do contexto das lutas entre a FRELIMO e a RENAMO, após a independência, às da época da escravidão e do tráfico negreiro:

O Zambeze é uma larga e majestosa fita de prata que separa a terra do céu. Uma grande cobra que vem de Angola e corre para o mar. Da boca dessa cobra gerações e gerações de antepassados se despediram desta vida e penetraram nas brumas do além, amarrados uns aos outros... (COELHO, 2003: p. 258)

As duas sombras do rio, distantes uma da outra – projeto impossível de reunião até a organização da paz, em outubro de 1992, com o fim da guerra civil –, são margens que, todavia, continuam, ainda hoje, em pleno século XXI, afastadas, alegorizando novas perplexidades e necessidades de muitas negociações para que o complexo processo de reconstrução identitária de Moçambique possa fluir, em toda sua diversidade.

O discurso do narrador de *As Duas Sombras do Rio* apresenta, por vezes, uma dicção interventiva, que vai comentando a história ficcionalizada, fazendo a mediação entre os acontecimentos político-sociais e a representação literária dos mesmos. Contudo, no desfecho do romance, abandona inteiramente as interferências, optando por manter abertos os vãos e desvãos de interpretar o que a memória traz do passado e o que a história deixa para ser invenção...

É afinal tão simples a história deste rio. Tão simples e, todavia, levou séculos a desenrolar-se, pois os deuses gostam de contá-la devagar. Devagar, também, Leónidas Ntsato mergulhou nele, nessa noite, ficando nós sem saber se procurava chegar a Cacessemo para alongar a sua perplexidade nessa fronteira, se lhe bastava perder-se nas águas para ganhar a tranquilidade e a indiferença dos afogados. (COELHO, 2003: p. 260)

O surpreendente final romanesco alonga a perplexidade do narrador, estendendo-a ao leitor: Leónidas se atirara ao Zambeze e morrerá afogado?! Ou mergulhara para buscar uma «terceira margem» na Ilha de Cacessemo?! «Enlouquecera» ou entrara em transe, possuído pelos espíritos do leão e da jiboia, mitos moçambicanos ancestrais, que na tradição, eram opostos e inconciliáveis?!

As dimensões histórica, literária e mítica se entrelaçam no espaço ficcional de *As Duas Sombras do Rio*. A focalização romanesca deixa de ser intencional, não conseguindo o narrador explicar mais – como, por vezes, fazia –, racionalmente, o acontecido. A dimensão animista invade a ficção e esta se vale do mítico para alegorizar, criticamente, a história.

Segundo crenças antigas do imaginário mítico de algumas etnias moçambicanas, aqueles que «morrem mal» se tornam espíritos vingativos que voltam para ajustar contas. Há animais míticos, como o grande leão, o *mambo mphondolo*, que pode encarnar num vivente, expressando, por meio da possessão deste, seu descontentamento com desequilíbrios sociais, culturais, climáticos ocorridos em aldeias e espaços da região. «Os indivíduos possuídos começam, de súbito, a sentir sintomas estranhos, dizendo coisas que ninguém entende, acabando por se lançar em direção ao local onde viveu o dono do espírito.» (OLIVEIRA. Cf. *site* citado em nossas Referências Bibliográficas) No caso de Leónidas Ntsato, há um conflito, pois ele, ao mesmo tempo, incorpora o espírito do leão e o da cobra. Como Leónidas (leão), ele, alegoricamente, expressa o estranhamento e a perplexidade diante de tantas mortes e atrocidades. Como Ntsato (a jiboia mítica), se

insurge contra os «carneiros hidráulicos» que verticalizaram o curso das águas, criando a represa de Cahora Bassa. Talvez, seu mergulho tenha sido uma forma metafórica de evidenciar a necessidade de Moçambique recuperar o equilíbrio cósmico, representado por *ntsato*, a jiboia ancestral, protetora das regiões atravessadas pelo rio Zambeze.

Podemos interpretar o estado de «estranhamento e excentricidade» de Leónidas como uma grande recusa alegórica, como uma manifestação «a contrapelo» da história oficial que, desde o passado colonial até a sangrenta guerra civil, afogara mitos e episódios históricos do território do Zumbo e das margens do Zambeze. Elegendo a «terceira margem do rio», a personagem dá primazia aos sentidos poéticos da existência, em categórico repúdio à violência e à opressão vivenciadas por aquela região moçambicana, metonímia de todo o país.

Concluindo, podemos afirmar que essa tendência de repensar criticamente a história e a construção da nação moçambicana, acusando ambiguidades, contradições, é, atualmente, uma das atitudes ficcionais recorrentes não só na obra de João Paulo Borges Coelho, mas também nas de diversos escritores de Moçambique, como Ba Ka Khosa, Suleiman Cassamo, Mia Couto, Paulina Chiziane, entre outros.

**Resumo:** Ficção e História: 35 anos de República em Moçambique. Mia Couto e João Paulo Borges Coelho. A nação moçambicana representada e reescrita, de modo crítico, pela literatura.

**Abstract:** *Fiction and History: 35 years of Republic in Mozambique. Mia Couto and João Paulo Borges Coelho. The Mozambican nation depicted and rewritten, critically, by literature.*

**Palavras-chave:** História, ficção, Moçambique, República.

**Keywords:** *History, fiction, Mozambique, Republic.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABDALA JR., Benjamin. *Literatura, História e Política*. SÃO PAULO: Ed. Ática, 1989.  
 – *Fronteiras Múltiplas, Identidades Plurais*. São Paulo: Ed. SENAC, 2002.  
 APPIAH, Kwame Anthony. *Na Casa de Meu Pai. A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.  
 BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.  
 BURKE, Peter (1977). «As fronteiras instáveis entre história e ficção». In: Aguiar, Flávio *et alii* (org.). *Gêneros de Fronteira: Cruzamento entre o Histórico e o Literário*. São Paulo: Xamã, 1997.  
 CHAVES, Rita. *A Formação do Romance Angolano: entre Intenções e Gestos*. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, 1999.  
 COELHO, João Paulo. *As Duas Sombras do Rio*. Lisboa: Caminho, 2003.



- Entrevista no blog Macua, 2006. [http://www.macua.blogs.com/...todos/.../joao\\_paulo\\_borges\\_coelho\\_entrevista.doc](http://www.macua.blogs.com/...todos/.../joao_paulo_borges_coelho_entrevista.doc) Acesso: 16-12-2009.
- «E depois de Caliban? A história e os caminhos da literatura no Moçambique contemporâneo». In: GALVES, Charlotte *et alii*. *África-Brasil: Caminhos da Língua Portuguesa*. Campinas: UNICAMP, 2009, pp. 57-68.
- Entrevista ao escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho, publicada na Revista *Metamorfoses 10*. Rio: Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros; Lisboa: Caminho, novembro/2009, pp. 167-178.
- COUTO, Mia. *Pensatempos*. Textos de opinião. Lisboa: Caminho, 2005.
- *Interinvenções*. Lisboa: Caminho, 2009.
- Entrevista à Revista *Nova África*. São Paulo, 2009.  
<https://docs.google.com/Doc?docid=0AbOa-MJaKtaZGhtanhraG5fMWM0dnEyM2Nt&chl=en>  
(Acesso em 25 de agosto de 2010)
- *Pensageiro Frequente*. Lisboa: Caminho, 2010.
- GALVES, Charlotte *et alii*. *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: UNICAMP, 2009
- LE GOFF. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão *et alii*. Campinas: UNICAMP, 1990.
- MACÉDO, Tania e MAQUEA, Vera. *Literaturas de Língua Portuguesa – Marcos e Marcas – Moçambique*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.
- MENDONÇA, Fátima. *Literatura Moçambicana: a História e as Escritas*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1988.
- NOA, Francisco. *Império, Mito e Miopia. Moçambique como invenção literária*. Lisboa: Caminho, 2002.
- NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- OLIVEIRA, Carlos Ramos. In: <http://www.macua.org/livros/tuara1.html> Acesso: 20-10-2009.
- PADILHA, Laura. *Novos Pactos, Outras Ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PINÔN, Nélida. *A República dos Sonhos*, 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1987.
- REVISTA *Via Atlântica*. Publicação da Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. São Paulo: Departamento n.º 3 (1999) e n.º 5 (2002).
- RIBEIRO, Margarida Calafate e MENESES, Paula. *Moçambique: das Palavras Escritas*. Porto: Afrontamento, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice*, 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Além da Idade da Razão: longevidade e saber na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia Editora, 1994.
- *A Magia das Letras Africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.
- ZAHAR, Renate. *Colonialismo e Alienação*. Lisboa: Ulmeiro, 1976.

